

Ópera de câmara “DOMITILA”, de João Guilherme Ripper, retrata a paixão proibida de Dom Pedro I e da Marquesa de Santos

*A obra, com uma hora de duração,
será apresentada em 30 de outubro e
1º de novembro na Sala Mário Tavares,
no anexo do Theatro Municipal
do Rio de Janeiro*

A Sala Mário Tavares, anexo do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, recebe, nos dias 30 de outubro e 1º de novembro, a ópera de câmara “Domitila”, do consagrado compositor João Guilherme Ripper. Com a soprano Georgia Szpíľman no papel-título e direção cênica de Isabel Guéron, o espetáculo promete uma imersão na história do amor proibido entre o Imperador Dom Pedro I e sua grande paixão, Domitila de Castro, a Marquesa de Santos.

Baseada nas cartas apaixonadas que o imperador escreveu à sua amante, a ópera reconstrói o último dia de Domitila na corte, quando é forçada a se despedir do amado. O relacionamento,



Georgia Szpíľman

Foto: Ana Clara Miranda

que se estendeu entre 1822 e 1829, chegou ao fim por imposição da Casa dos Bragança, que exigiu que o jovem imperador, viúvo, desposasse uma princesa de estirpe real, D. Amélia de Leuchtenberg, em vez da mulher que amava.

Em cena, a cantora Georgia Szpílmán encarna uma Domitila de carne e osso, revisitando as memórias de um amor que começa com a paixão juvenil – o imperador assinava as cartas como *"Demonão"* e *"Fogo Fogueiro"* – e se desgasta diante das obrigações políticas, até que ele se torna apenas *"o Imperador"*. A direção de Isabel Guéron conduz a personagem num limbo espaço-temporal – enquanto arruma as malas e, presa em suas próprias lembranças, revive angústias, alegrias e decepções, numa atmosfera densa e carregada de emoção.

A história das cartas também é digna de uma ópera: o combinado entre os amantes era que fossem queimadas assim que fossem lidas. Dom Pedro I cumpriu o acordo, mas Domitila, porém, guardou todas as 94 cartas de sua grande paixão. Esses preciosos registros ficaram perdidos por décadas, até serem encontradas pelo historiador Paulo Rezzutti na *Hispanic Society of America*, em Nova York. Hoje, parte das cartas estão no Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, e outra parte no Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora.

A montagem, que tem direção musical de Maria Luisa Lundberg e conta com os instrumentistas Nayara Tamarozzi (violoncelo) e Moises Santos (clarinete), é uma oportunidade de ouro para o público carioca entrar em contato com um importante episódio da história brasileira, humanizando uma de suas figuras femininas mais marcantes do século XIX. A ópera, que possui aproximadamente 60 minutos de duração, foi agraciada com o *Prêmio Circuito Funarte de Música Clássica*

2010 e tem feito sucesso também em Portugal e na Espanha, onde a crítica a descreveu como um espetáculo de *"tratamento dramático de muito sucesso"*.

Para Georgia Szpílmán, *"Domitila é uma figura essencial na história do nosso país; e nos faz enxergar que a mulher, hoje ainda, não conquistou o papel que lhe cabe na sociedade machista. Durante sete anos, Domitila viveu uma relação intensa com Dom Pedro I, teve vários filhos com ele – e, após a morte de Dona Leopoldina, passou a residir com o imperador no Solar da Marquesa, local de onde ele despachava os rumos do Brasil. Mas o que mais me impacta nessa trajetória é como Domitila foi, no fim, descartada. E isso me faz olhar para os dias de hoje e ver que a realidade não mudou: nós, mulheres, continuamos sendo usadas e deixadas de lado quando não convém. Essa não é uma questão do século XIX. É uma questão atual, urgente, viva. É por isso que canto Domitila: para lembrar que a mulher – amante ou não – sempre foi muito mais do que o papel que tentaram lhe dar"* – destaca.

SERVIÇO

Domitila – Ópera de Câmara

30 de outubro, às 19h, e 1º de novembro, às 11h

Sala Mário Tavares – anexo do Theatro Municipal do Rio de Janeiro

Rua Almirante Barroso, 14/16, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Ingressos: R\$ 50 (inteira) e R\$ 25 (meia),

disponíveis na plataforma Feverup

Duração: aproximadamente 60 minutos | Classificação: Livre



Foto: Ana Clara Miranda